

O SILÊNCIO E O SENTIDO NA LINGUAGEM DO AFÁSICO

Tamiles Paiva Novaes ¹

Simone Maximo Pelis ²

Adriana Vespasiana Magalhães Dias ³

Nirvana Ferraz Santos Sampaio ⁴

RESUMO: Objetiva-se, neste trabalho, abordar as contribuições da Neurolinguística Discursiva na (re) organização da linguagem de um sujeito afásico, pesquisando as alterações da linguagem em acompanhamento longitudinal, nos aspectos sociais e emocionais desse indivíduo, e identificar o silêncio como parte do sistema de significação na linguagem desse afásico. Portanto, dentro do quadro das afasias, neste trabalho estarão em destaque os processos alternativos de significação. Entende-se por processos alternativos de significação o uso de sistemas não verbais com a finalidade de o sujeito se fazer entender. O sujeito desta pesquisa apoia-se na linguagem gestual/corporal, na expressão facial para se manter na linguagem. A hipótese apresentada é que proporcionar a contextualização da linguagem por meio do convívio social pode propiciar ao afásico a reorganização do seu dizer, ainda que por um sistema alternativo de significação. Dessa forma, no acompanhamento longitudinal prioriza-se o sujeito que se recupera, e, em meio as atividades de linguagem, possibilita-se a reestruturação do uso da linguagem em meio às contingências provocadas por um acidente vascular cerebral.

Palavras-chave: Linguagem; Neurolinguística Discursiva; Afasia.

INTRODUÇÃO

A espécie humana, ao desvendar a comunicação, sofre uma importante mudança, pois a partir dessa descoberta, a comunicação que antes se apresentava somente através de gritos de alerta e outras respostas inatas passou a traduzir-se como comportamento humano ampliando o campo de ação do ambiente social. Devido ao fato de a linguagem ser considerada uma das principais ferramentas de comunicação, qualquer impedimento em seu processamento possivelmente irá comprometer, em variados graus, a capacidade de comunicação da pessoa afetada. Consideramos que, de acordo com Franchi (1977), a

¹ Doutoranda em Linguística, PPGLin/ GPEN/ UESB - novaes.tamilespaiva@gmail.com

² Doutoranda em Linguística, PPGLin/ GPEN/ UESB - simone.maximo@gmail.com

³ Graduanda em Psicologia, Bolsista de IC FAPESB/ GPEN/ UESB - adrianavmdias@yahoo.com.br

⁴ Doutora em Linguística, professora do PPGLin / GPEN / UESB - nirvanafs@terra.com.br

linguagem, para além de instrumento de comunicação é uma atividade constitutiva do ser humano.

Nesta pesquisa, abordaremos brevemente como a afasia, uma alteração de linguagem, com perda da capacidade de expressão e ou compreensão através da fala e escrita, afetou a linguagem de um sujeito e quais recursos ele utilizou para se manter *na* e *com* a linguagem.

Apresentamos neste trabalho um recorte do acompanhamento longitudinal de um sujeito de pesquisa, aqui identificado como AS. Em decorrência de um AVCi (Acidente Vascular Cerebral), AS, 80 anos, apresenta hemiplegia à direita e comprometimento da linguagem articulada, por lesão da terceira circunvolução frontal esquerda, a contar da fissura de Sylvius, denominada Afasia de Broca. A principal característica deste tipo de Afasia é a compreensão e outras funções da linguagem preservadas mesmo ocorrendo o comprometimento na expressão.

Segundo Coudry (1988), a afasia é uma perturbação da linguagem em que há alteração de mecanismos linguísticos em todos os níveis, tanto do seu aspecto produtivo (relacionado com a produção da fala), quanto interpretativo (relacionado com a compreensão e com o reconhecimento de sentidos), causado por lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central, em virtude de acidentes vasculares (AVC), traumatismos crânio-encefálicos (TCE) ou tumores (MORATO, 2002).

Avaliar o funcionamento da linguagem e intervir nas dificuldades linguísticas apresentadas em situações reais de comunicação é objetivo desta pesquisa, que tomou a perspectiva enunciativa-discursiva como norte. Tal perspectiva é apoiada no arcabouço teórico da Neurolinguística Discursiva que propicia uma abordagem diferenciada da Afasia, em que o dinamismo da relação dialógica sujeito-pesquisador é essencial. Isso quer dizer que o olhar do pesquisador sobre o sujeito, para além da afasia, considera seu contexto sócio-histórico-cultural. Para superar o déficit sintático, elementos de situação, do mundo, da prática social com a linguagem, do conhecimento comum entre o pesquisador e o sujeito auxiliam na reconstrução das dificuldades linguístico-cognitivas, ou seja, nas soluções que o sujeito vai encontrando, afirma Coudry (1996, p.184).

A Neurolinguística Discursiva, de acordo com Coudry (2008), “é constituída por um conjunto de teorias e práticas, cuja concepção de linguagem, ao contrário de uma

visão organicista, concebe língua, discurso, cérebro e mente como construtos humanos que se relacionam”.

Coudry (2008) caracteriza um sujeito afásico, em relação à linguagem, quando sua funcionalidade se afasta de alguns meios de produção ou interpretação. Para a autora, a alteração de linguagem acarreta, para o indivíduo, alterações no seu meio social, pessoal e profissional. Por isso, é necessária intensa adaptação para que consiga se posicionar diante da nova situação. Portanto, a adaptação vai depender do equilíbrio entre organismo e o ambiente em que ele está inserido, ou seja, é preciso que os familiares e de todos a sua volta saibam como lidar com o problema. A visão da neurolinguística discursiva da linguagem recomenda que a linguagem se reestruture através do uso da própria linguagem. O pesquisador não é alguém com o objetivo de “ensinar” a língua, assim como o sujeito não “aprenderá” determinada língua. Nesta abordagem, acredita-se que a aquisição de linguagem se deve às práticas discursivas, às interações sociais que dão sentido ao comportamento e à própria linguagem dos indivíduos. O objetivo do pesquisador é proporcionar o acesso à linguagem para seu sujeito de acompanhamento que, devido a uma patologia, ficou excluído desse sistema simbólico, possibilitando-lhe o ressignificar-se, pois é pela linguagem que o sujeito se constitui.

É a língua, segundo Saussure (Bakhtin, 2012, p.14), um fato social, cuja existência se funda na necessidade de comunicação, seja por manifestações verbais ou não verbais, e Bakhtin insta que os registros das fases transitórias das mudanças sociais são materializados em palavras, assim como a ideologia, a cultura, a história capturada e vivenciada pelo sujeito. Porém, o ato da fala, expressão da consciência individual, é realizado na troca, no sistema de significação que ocorre diariamente entre os indivíduos. Na Neurolinguística Discursiva, a linguagem é considerada em sua totalidade e todos os recursos linguísticos do sujeito são elencados para a possível tradução da afasia. Um desses recursos é o silêncio. O silêncio, que é linguagem, fundamenta a produção de sentido e, segundo Orlandi, tanto fundamenta como se estabelece de forma constitutiva ou local (2009, p. 74). O silêncio local, é aquele equivalente à censura, mas neste trabalho para além do silêncio que fundamenta, nos interessa o silêncio que constitui, que possibilita, que significa. “Falando do silêncio como constitutivo do dizer, a autora (ORLANDI) afirma que o silêncio é o espaço diferencial da linguagem; é o espaço que permite à linguagem significar” (TFOUNI, 2008, p. 356).

De todas as formas o silêncio apresenta-se impregnado de sentidos, portanto não é vazio. O silêncio que é visto como o não-dizer, possibilita a linguagem significar, logo faz parte de um sistema alternativo de significação.

Desde abril de 2015, AS é acompanhada no Laboratório de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (LAPEN), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), no Espaço de Convivência entre Afásicos e Não Afásicos (ECOIA), em atividades individuais e em grupo. Todas as atividades do ECOIA seguem o modelo desenvolvido por Maria Irma Coudry. Em relação aos dados, considera-se que cada dado encontrado é fundamentado por uma teoria. Este conceito é denominado “dado-achado”, que permite a fluência entre o dado e a teoria, e entre a teoria e o dado, em uma contínua articulação que envolve a investigação, teoria, avaliação e acompanhamento de processos linguísticos e cognitivos. Para possibilitar este movimento, são desenvolvidas atividades que propiciam situações enunciativo-discursivas, considerando o sujeito sócio-histórico-cultural, e encontros individuais.

Os encontros individuais caracterizam-se por sessões que buscam avaliar como o sujeito em questão lida com as dificuldades relacionadas com a condição atípica de linguagem. Por isso, as atividades elaboradas são pensadas para despertar o interesse de AS e proporcionar o uso da linguagem por meio de atividades significativas para o sujeito. Portanto, conversas informais, leituras, jogos e pinturas são algumas alternativas de trabalho já realizadas. As atividades em grupo acontecem de maneira interativa com outros sujeitos afásicos e pesquisadores com o objetivo de compartilhar e socializar experiências.

Com a modificação causada pelo covid-19 e com as atividades presenciais suspensas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, o acompanhamento passou a ser remoto, com uso de tecnologia ativa, através de vídeo-chamada. A pesquisa apresenta, de maneira breve, os dados referentes a esses acompanhamentos remotos e, também, dados referentes a acompanhamentos que foram realizados presencialmente, em momentos anteriores à situação de distanciamento social provocada pela covid-19.

Com o acompanhamento longitudinal, observa-se que AS possui severo comprometimento na linguagem oral, devido a isso, faz uso contínuo dos processos alternativos de significação nas interações.

[...] os processos alternativos de significação são a forte evidência de que sujeitos afásicos realizam trabalhos linguístico-cognitivos mesmo quando os componentes linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos) faltam e/ou estão desorganizados. (PAZINI, E.; et. al., 2016, p. 297).

Apesar de existir este comprometimento, foi constatado que suas funções cognitivas não foram afetadas, estando estas em perfeitas condições. Outro ponto importante e que deve ser ressaltado são as tentativas de fuga e o silêncio nas situações enunciativo-discursivas, por exemplo: é possível perceber que AS finge estar dormindo para não interagir.

Nos acompanhamentos, o que se avalia na linguagem em funcionamento de AS é sua dificuldade de expressão, do ponto de vista linguístico, o reconhecimento do silêncio como processo alternativo de significação e, além disso, a utilização dos gestos e das expressões faciais.

Para esclarecer esses dilemas, a problematização a partir da qual a presente pesquisa foi norteada refere-se, portanto, à investigação do uso dos processos alternativos de significação, bem como compreender as características da afasia do sujeito em questão, e o que se propõe como processos alternativos em meio ao silêncio. A hipótese que orienta esta pesquisa defende que AS, por meio do silêncio, dos gestos e das expressões faciais, se institui como sujeito, o que corrobora com o fato de que há linguagem na afasia quando há sujeito (Coudry, 2002).

METODOLOGIA

Os dados utilizados neste artigo foram produzidos através do Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica: *Neurolinguística Discursiva e Psicologia: conhecimentos que se alinham*⁵, que por sua vez, está vinculado ao Laboratório de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (LAPEN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), ao Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (GPEN) e ao Espaço de Convivência

⁵ FAPESB – Pedido Nº 3018/2019, ativo desde agosto de 2019. Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica financiado pela FAPESB, vinculado a um projeto temático aprovado pelo comitê de ética em pesquisa, protocolo número 061210, do qual Adriana Vespasiana Magalhães Dias é bolsista e Nirvana Ferraz Santos Sampaio é a orientadora.

entre Afásicos e Não-afásicos (ECOAs), este último sendo caracterizado pelos acompanhamentos grupais e individuais.

A metodologia utilizada, tanto nos acompanhamentos individuais quanto nos grupais, foi pautada na Neurolinguística Discursiva, como já informado neste texto, a partir do pressuposto teórico metodológico e prático que considera a língua, o discurso, o cérebro e a mente como constructos humanos que se relacionam e que permeiam a linguagem (COUDRY, 2008).

A ND, segundo Coudry (1988), propõe uma prática que avalia o sujeito de forma longitudinal, ou seja, por um período mais longo, no dia-a-dia. Acompanha-se o sujeito em situações reais e no uso efetivo da língua e não de forma artificial e numa única sessão. Ratifica-se que outro diferencial é o fato de a análise e construção dos dados ser feita a partir do dado-achado. Dessa forma, a coleta de dados é baseada na metodologia de dado-achado, na qual concebe uma dinâmica própria à pesquisa, estando nela presentes a interação dialógica entre os participantes, imersos em práticas significativas/discursivas que consideram as coordenadas ântropo-culturais que regem suas ações e não-ações (FOUCAULT apud COUDRY, 2008).

A metodologia permite a articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento clínico de processos linguístico-cognitivos (COUDRY, 1996, p. 183). O que torna o dado um dado-achado e diferenciado é o modo contextualizado em que é colhido e o olhar que é lançado sobre ele. O investigador utiliza o dado-achado como pista para entender os caminhos percorridos pelo sujeito, suas dificuldades e as estratégias encontradas. Há uma interpretação do dado. Esse modelo é inspirado no dado singular proposto pelo paradigma indiciário de Ginzburg (1986) que tem como proposta um modelo epistemológico baseado no detalhe, no particular, que mostra muito além daquilo que se vê superficialmente.

Ademais, os dados são aqui apresentados seguindo as normas propostas pelo Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) para padronização dos registros, notação e codificação de dados, bem como as condições de produção dos enunciados.

O sujeito participante desta pesquisa é AS, mulher, idosa com 80 anos de idade, casada, com Nível de Escolaridade: Ensino Fundamental I completo. Em março de 2013, AS sofreu um AVC isquêmico e, em decorrência disto, possui afasia e hemiplegia à direita. Ela começou os acompanhamentos grupais e individuais no ECOA em abril de 2015 e tem sido acompanhada até a presente data. Porém, os dados apresentados neste artigo

são respectivos ao período de acompanhamento que se iniciou concomitante com o projeto de pesquisa, de agosto de 2019 a julho de 2020, totalizando sete acompanhamentos grupais e cinco individuais.

É importante ressaltar que, nos meses de abril, maio e junho do corrente ano, os acompanhamentos foram interrompidos devido à orientação da Organização Mundial de Saúde para o distanciamento social como medida para controle de propagação do COVID-19. O acompanhamento individual foi retomado em julho através de vídeo-chamadas, após autorização da família e expressão de interesse de AS.

Os acompanhamentos grupais que AS participou foram realizados através do ECOA, onde participaram também outros sujeitos afásicos e não-afásicos, sendo os não-afásicos todos investigadores. Os acompanhamentos individuais que AS participou foram realizados por Iad⁶. Em ambos os acompanhamentos, a observação participante é colocada em prática, nas situações discursivas, mediada pela interação dialógica entre pesquisador e sujeito (COUDRY, 2008, p.17).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos acompanhamentos realizados com AS, foi constatado que o sujeito possui severo comprometimento na linguagem oral, devido a isso, faz uso constante dos processos alternativos de significação para se comunicar. Apesar de existir este comprometimento, foi constatado que suas funções cognitivas não foram afetadas, estando estas em perfeitas condições.

Nos acompanhamentos grupais e, também, nos individuais, AS é sempre convidada pelas investigadoras a participar como sujeito atuante na linguagem, um sujeito que a enuncia. Os processos alternativos de significação se caracterizam pelo uso de sistemas não verbais com a finalidade de se manter na linguagem. Dentre os muitos sistemas não verbais existentes, o mais utilizado por AS é o gestual/corporal, e também a expressão facial.

Porém, dedicaremos atenção especial às manifestações de silêncio de Iad, onde encontra-se um dizer ainda não dito, um não vazio repleto de sentido, lugar de

⁶ Seguindo as diretrizes do BDN, as siglas compostas inicialmente pela letra I seguida de mais duas letras minúsculas referem-se aos investigadores e as siglas compostas somente por duas letras maiúsculas referem-se aos sujeitos afásicos (COUDRY, 2008).

ressignificação do sujeito pela linguagem. O silêncio é parte integrativa da linguagem em funcionamento, verbal ou não-verbal. Seja como invólucro, como intermeio ou em sua completude e complexidade, sendo ele mesmo o discurso, com seus enunciados censurados, subvertidamente revelador de sentidos. Vejamos:

Quadro 1:

Dado 1 – Transcrição de um trecho de um episódio dialógico entre Iad e AS, em 17 de outubro de 2019, produzido através de uma das atividades⁷ realizadas no acompanhamento individual.

Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
Iad	É, AS, tô vendo que a senhora não gostou muito dessa atividade, né?!	
AS	(Silêncio)	Balança a cabeça para ambos os lados sinalizando negação.
Iad	É ... acho que não acertei dessa vez. (risos)	
AS	(risos)	
Iad	Tá rindo, né?! (risos)	
AS	(risos)	Aponta para a massa de modelar.

Fonte: Quadro, elaborado por Iad, apresentado no Relatório Parcial Semestral à FAPESB.

No dado apresentado no quadro 1, o silêncio de AS tem um sentido. Foi-lhe proposta uma determinada atividade que naquele momento não lhe agradava. O Silêncio de AS demonstra um desapontamento com a proposta, confirmada pela negativa do gestual. A pesquisadora assume responsabilidade sobre a escolha e o silêncio é interrompido por um riso. O desapontamento foi compreendido. A comunicação foi restabelecida. O não-dito foi ouvido, e AS se sente fortalecida a se fazer entender: move-se e aponta para a sua preferência, a massinha.

O silêncio não é vazio. Ele está sempre impregnado de sentido e exerce influência no outro. Segundo Orlandi, este outro “que vê a linguagem significar, sair do vazio e

⁷ A atividade respectiva a este acompanhamento individual foi realizada da seguinte maneira: com o uso de massa de modelar e fôrmas de letras e figuras, AS, a partir da leitura conjunta de um texto, deveria construir, através desses objetos, palavras e figuras que estavam presentes no texto.

instaurar algo a ser dito” (2009, p. 68). Essa situação dialógica permitiu que o pesquisador contemplasse o silêncio de AS fundamentar o algo a ser dito, a possibilidade de dizer: Não quero, não!

No quadro 2, o episódio dialógico, ocorreu em meio a situação de distanciamento social, sob a medida de controle de propagação do COVID-19. Por esse motivo, foi realizado, pela necessidade de manutenção do trabalho desenvolvido com o sujeito, cujo objetivo é permitir uma nova percepção dos recursos linguísticos do afásico, possibilitando a (re) constituição de suas verdades, de sua realidade pela linguagem, o acompanhamento individual com AS, mediado por tecnologia ativa. De forma remota, o atendimento ocorreu por vídeo-chamada, recurso do aplicativo WhatsApp, que garante a privacidade da chamada por ter seus dados criptografados.

Quadro 2:

Dado 2 – Transcrição de um trecho de um episódio dialógico, através de vídeo-chamada, entre Iad, AS e sua neta, em 10 de julho de 2020.

Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
Iad	E aí, AS, como a senhora está?	
AS	(Silêncio)	Não olha para a câmera.
Neta de AS	Fala vó: tô bem!	
AS	(silêncio)	Olhando para a câmera.
Iad	Fala pra mim, você está assim::	Faz sinal de legal, com o polegar da mão para cima e os demais dedos fechados. Usa tom interrogativo.
Iad	Ou assim?	Faz sinal de legal invertido, com o polegar da mão para baixo e os demais dedos fechados. Usa tom interrogativo.
AS	(Silêncio)	Não olha para a câmera.
Iad	Que foto bonita que está atrás de você!	Sorrindo.
AS	(Silêncio)	Não olha para a câmera.



Iad	Fala para mim quem é que está aí nessa foto...	
AS	(Silêncio)	Olha para sua neta.
Iad	É sua família, é?	
AS	(Silêncio)	Olha para sua neta aponta para o celular e faz que não com a mão.
Iad	Não é sua família?	
AS	(Silêncio)	Fecha os olhos.
Neta de AS	É vó, é sim.	
AS	(Silêncio)	Olhos fechados e boca aberta.
Iad	Ela fechou os olhos... Ela dormiu?	
Neta de AS	Eu sei o que você está fazendo, viu, vó? (risos)	
Iad	(risos)	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A pesquisadora continuou em contato com os familiares de AS. Durante a pandemia, AS esteve em confinamento residencial, isso quer dizer que não saiu de casa por meses. A filha de AS compreendeu que o retorno dos atendimentos proporcionados pelo ECOA seria benéfico e, no intuito de retomar as situações dialógicas, importantes para sua mãe, consentiu o retorno das atividades, mesmo que por tecnologia ativa. Em momento pré-determinado deu-se a retomada das atividades por meio remoto. Era uma situação nova para todos. Após meses em contato apenas com seus familiares em casa, AS tinha a possibilidade de ver novamente outro rosto familiar.

A pesquisadora começa o diálogo perguntando como está AS. O silêncio imbuído de sentidos é manifestado. Nesse momento, AS não olha para o dispositivo, não olha para a câmera, local e meio possível para estabelecimento da comunicação. Sua neta faz uma intervenção, atribui-lhe um sentimento que não é reconhecido por AS: “Fala vó: tô bem”. O Silêncio manifestado por AS, neste momento, poderia ser manifestado ainda que lhe coubessem palavras, pois o sentido do qual está impregnado revela resistência,

indignação, insatisfação. A situação em que se encontra, para além das palavras que lhe faltam, é historicamente silenciadora. Para além dos limites impostos por sua condição neurofisiológica, agora outros limites lhe são atribuídos: o isolamento, a falta de interação com seu grupo, a falta de compreensão de seu sentido, que funcionam como silenciadores para o sujeito que tende a se tornar silenciado. Neste momento, o papel da pesquisadora é proporcionar ao sujeito a possibilidade de enunciar-se, de colocar a língua em funcionamento, seja pela linguagem verbal ou não verbal. No caso de sujeito afásico, como AS, o silêncio, que não é vazio, que está impregnado de sentido, é a linguagem que significa, que permite o sujeito se revelar.

Em outro momento, na tentativa de estabelecer interação, a pesquisadora pergunta sobre uma foto. Neste momento, a comunicação é estabelecida entre AS e a Neta. Um enunciado é constituído pela linguagem não verbal. Ela não quer fazer aquilo. Não quer dessa forma. AS confirma o sentido imbuído no silêncio manifesto por sua linguagem gestual. Aponta para o dispositivo e faz que não com a mão.

AS	(Silêncio)	Olha para sua neta.
Iad	É sua família, é?	
AS	(Silêncio)	Olha para sua neta aponta para o celular e faz que não com a mão.
Iad	Não é sua família?	

Neste trecho, propositadamente copiado do quadro anterior, nota-se o efeito da intervenção por interpretação aleatória, sem contextualização do silêncio. A frustração como sintoma. Mais uma vez, a pesquisadora tenta estabelecer o contato com AS perguntando se as pessoas da foto são sua família. O silêncio é manifesto. Novamente neta faz uma intervenção no sentido de traduzir a avó, atribuir-lhe palavras. Neste momento, para além do silêncio, AS ao fechar seus olhos, consolida o sentido de resistência, de insatisfação e de indignação. AS têm querer, AS têm palavras, ainda que não possa manifestá-las. Ela é o sujeito da linguagem. Traduções descontextualizadas de silêncios funcionaram meramente como dublagem desconexa. Ela está cansada disso. Não quer mais ver (vivenciar) essas situações. O que vem a seguir consolida este sentido: fecha os olhos, abre a boca, finge dormir. Esta é a forma que AS encontra de se retirar da

“sala”. De se retirar das situações que a incomodam. Não pode fazê-lo fisicamente, não pode constituir palavras, mas pode dizer, pode significar por um processo alternativo de significação constituído por linguagem não verbal. Segundo Tfouni (2008, p. 357),

[...] antes da enunciação o campo dos sentidos abre-se como um real da significação, posto que o sentido é exterior à linguagem, sendo, nestes termos, impossível. Após a enunciação, o silêncio se configura como o que deixou de ser dito, mas que poderia ter sido dito. Em outras palavras, o silêncio, além de impossível, também é contingente, preenchendo também os dois modalizadores do real; é indistinto, é inatingível em sua completude.

O silêncio de AS se configura como o que não poderia ser dito, mas, ao capturar todo o sentido que lhe é atribuído, realiza sua significação.

[...] O silêncio aqui é entendido como um tipo particular de interação e como veiculador de sentidos. Com já postulado, o silêncio significa, ele é significado e interpretado[...]. Antes, se o silêncio faz parte da construção do sentido (da interação, da comunicação), é também ato de linguagem, ato de significação. Podemos afirmar que onde há linguagem, há também silêncio, ou seja, o silêncio faz parte e está na ordem da linguagem. (SAMPAIO, 2008, p. 90).

Após o final da chamada, a filha de AS relatou a Iad, a pesquisadora, que AS costuma ter esse comportamento, de fingir que está dormindo, quando não está disposta a realizar determinadas atividades. Este comportamento também já foi apresentado por AS em acompanhamentos grupais.

É importante ressaltar que com o acompanhamento sendo realizado por vídeo-chamadas, Iad encontrou mais dificuldades para realizá-lo do que quando realizado presencialmente. Além das observações já descritas, foi percebido que AS apresenta dificuldade em dispor sua atenção sobre o celular quando não se trata de elementos que despertem o seu interesse. De acordo com a filha de AS, são atrativos capazes de prender, despertar interesse e atenção ao celular, os animais e as crianças, então, um novo atendimento está sendo elaborado a partir desta informação. Novo atendimento a ser estruturado a partir de orientações garantidoras da manutenção de biossegurança, objetivando a não interrupção do acompanhamento, devido ao enfrentamento à pandemia Covid-19

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na maioria das vezes, a pessoa com afasia de expressão tem sua compreensão e cognição preservadas. Impossibilitado de expressar palavras, manifesta no silêncio, suas singularidades, sentidos e dizeres não-ditos. O silêncio possibilita ao afásico ressignificar, portanto compreende um importante recurso no processo alternativo de significação. Reconhecer o sentido que o afásico atribui ao silêncio manifesto é uma forma de intervenção bem mais eficaz que a “atribuição” de palavras que ele não pode dizer, é possibilitar ao afásico, dizer, significar, revelar-se. Quando a intervenção envolve a atribuição de sentido ao silêncio do Sujeito, e não à interpretação do mesmo, realizada a partir da historicidade e subjetividades do indivíduo, a censura se instaura. Contudo, onde há linguagem há sujeito, como preconiza Coudry. A Neurolinguística Discursiva (ND) tem contribuído para um olhar diferenciado para os quadros de afasia ao reconhecer o sistema de significação de linguagem do sujeito e aqui identificamos o silêncio como parte dessa possibilidade de construção de sentidos.

O modelo de acompanhamento preconizado por Coudry, em que as práticas discursivas propiciam a relação dialógica entre sujeito e pesquisador, e vice-versa, e atenta para a necessidade de um ambiente em que os interlocutores possam construir e compartilhar seus dizeres e não-ditos e manifestar formas alternativas de significação, tem sido aplicado com sucesso no Espaço de Convivência dos Afásicos e Não-Afásicos.

No entanto, por demanda histórico-social, respeitando a urgência de cuidados em biossegurança, este modo operante presencial não é possível ser praticado neste momento. Um grande desafio se apresenta aos pesquisadores que tentam criar e estabelecer atividades significativas para o atendimento à distância, por meio de tecnologia ativa, em ambientes virtuais reproduzindo a dinâmica do espaço, respeitando a metodologia do dado-achado. É um novo capítulo que está sendo escrito. Por ora, é sabido que o desafio de permitir ao afásico ser proprietário de seus enunciados é possível, mesmo no meio virtual, contanto que neste espaço a prática da linguagem tenha como preocupação fundante o não isolamento social, o enfrentamento das dificuldades e a construção de possibilidades do sujeito estar no mundo em meio ao exercício com e sobre a linguagem, a partir de práticas que não separam a língua (gem), a cultura e a sociedade (SAMPAIO, 2006, p. 77).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fapesb, à Capes, ao CNPq, à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e em especial à Iad, sujeito desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Nacional. 1970.

COUDRY, M.I.H. **Diário de Narciso: Discurso e afasia. Análise das interlocuções com afásicos**. 1986. Tese (Doutorado em Linguística) -Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.

COUDRY, Maria Irma Hadler. Neurolinguística discursiva: afasia como tradução. **Estudos da Língua (gem)/Estudos em Neurolinguística**, v. 6, n. 2, p. 7-36, 2008. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1065/913>. Acesso em: 19/07/2020.

CASTRO, M.F.P (org.). O Que é Dado em Neurolinguística? In: **O Método e o Dado no Estudo da Linguagem**. Campinas. SP. Editora Unicamp (1996). (p.179-194).

FRANCHI, Carlos. (1977) "Linguagem - Atividade Constitutiva", in **Almanaque**, 5, São Paulo: Brasiliense, 9-27

GARCIA-ROZA, L. A. (2014). As Afasias de 1891. In FREUD, Sigmund & L. A. Garcia-Roza, **Sobre a concepção das afasias, um estudo crítico/As Afasias de 1891, coleção Freud e seus interlocutores**. Jorge Zahar. 1891. Edição digital. 2014. ISBN 978-85-378-1306-5.

ORLANDI, Eni. **As Formas de Silêncio: no movimento dos sentidos**; 6ª ed. SP, Editora Unicamp. 2009.

PAZINI, E.; et. al. Processos alternativos de significação e jargonafasia: um estudo de caso. In: **Distúrbios Comunicação**. São Paulo, 28(2): 219-28, junho, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/dic/article/view/27346/20142>. Acesso em: 08/08/2019.

SAMPAIO, N. F. S. O Centro de Convivência de Afásicos em foco. In.: COUDRY, M. I. H., et al. **Estudos da Língua (gem)**, v. 6, n.2, 2008, p. 67-96. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1067/916>. Acesso em 11/06/2020.

SAMPAIO, N.F.S. **Uma abordagem sociolingüística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala** / Nirvana Ferraz Santos Sampaio. -- Campinas, SP: [s.n.], 2006. (Tese de Doutorado).

TFOUNI, Fábio Elias Verdiani. O interdito e o silêncio: duas abordagens do impossível na linguagem. **Linguagem em (Dis) curso – LemD**, v. 8, n. 2, p. 353-371, maio/ago. 2008.

